Inovações militares na Cartago helenística, da expedição de Agátocles à invasão romana durante a Primeira Guerra Púnica

HENRIQUE MODANEZ DE SANT´ANNA
UnB – (Brasília)

Resumo
Cartago não era um Estado que recusava sempre o confronto em terra firme. Para começar, os cartagineses deixaram suas intenções muito claras na Sicília por meio de ações militares sérias, apoiadas por mercenários. Havia também um exército cívico disponível na África, aparentemente infantaria pesadamente armada, no caso de perigo real para a cidade. As fontes, contudo, enfatizaram a covardia cartaginesa contra gregos da Sicília e romanos (ambos bravos por natureza), o que pode nos levar a ignorar como as forças terrestres cartaginesas mudaram durante tais guerras. Este artigo se debruça sobre esse tema, e tenta apresentar um relato coerente de como o pensamento militar evoluiu entre os cartagineses nos primórdios do período helenístico.
Palavras-chave: Cartago, guerra, Agátocles, Guerras Púnicas, generalato.

Military innovations in Hellenistic Carthage, from Agathocles' expedition to the Roman invasion during the First Punic War

Abstract
Carthage was not a state that always refused land confrontation. To begin with, the Carthaginians made their intentions very clear in Sicily through serious military actions supported by mercenaries. There was also a citizen army available in Africa, apparently heavy infantry, in case of real danger for the city. The sources, however, pointed out the Carthaginian cowardice against Greeks of Sicily and Romans (both braves in nature), which can lead us to ignore how Carthaginian land forces changed during these wars. This article casts light on this subject, and tries to present a coherent account of how military thought among Carthaginians evolved in early Hellenistic period.
Key-words: Carthage, war, Agathocles, Punic Wars, generalship.

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

Em 310 a.C., no momento em que Agátocles decidiu transferir a guerra contra os cartagineses da Sicília para a África, apostando no esfriamento do "ardor cívico" das tropas púnicas (Diod. Sic. 20.3), seu exército era numericamente bastante inferior ao que se notaria momentos depois, quando do alistamento dos homens de Ofelas. A incorporação desses mercenários sem soldo ao exército do siracusano foi curiosamente acompanhada pela tentativa desesperada de ascensão do poder tirânico em Cartago, tendo sido a mesma liderada pelo general cartaginês Bomílcar. As evidências indicam que ambos os eventos, contudo, não possuíam conexão direta, mas provocaram, sem dúvida, abalo considerável no moral do exército cartaginês, o que pode justificar, como enfatizou Meister, o grande sucesso de Agátocles ao tomar portos e a cidade de Útica, a mais importante depois de Cartago, após longa resistência de seus cidadãos (Diod. Sic. 20.43)[i]. Isso permitiria a Agátocles o estabelecimento de uma linha de comunicação permanente com a Sicília, o que se traduziria em péssimas notícias para os cartagineses. Diante de situação tão favorável, contudo, o siracusano teve que retornar à Sicília urgentemente, levando consigo 2.000 homens e nomeando Arcagato para o comando das tropas na África (Diod. Sic. 20.55; Just. *Epit*. 22.8). Sua partida se transformará no início de uma reviravolta na expedição africana, e uma análise cuidadosa do texto supérstite de Diodoro (mas não só) deverá mostrar que esse momento marcará o início de uma série de transformações na arte da guerra cartaginesa.

Ainda que os oficiais do exército grego (especialmente Eumaco) tenham conseguido capturar algumas cidades (incluindo Hippo Acra e Acris), subjugando parcialmente povos nômades, uma união desses povos em prol de sua liberdade e as adversidades das regiões africanas provocaram o recuo dos gregos[ii]. De fato, Eumaco havia conquistado excelente reputação entre os homens de Agátocles ao retornar vitorioso de sua primeira campanha, mas a resistência combinada dos nômades provocou a baixa de muitos homens, bem como o recuo imediato dos demais, sendo impossível avançar sobre os territórios, devido a sua inospicidade natural. Essa primeira mudança na perspectiva geral da expedição africana será acompanhada do que sustento ter sido uma reforma logística no exército cartaginês.

De acordo com Diodoro (20.59), seguindo a tradução da Loeb, o Senado em Cartago recebeu bom conselho sobre a guerra (τ⍰ς γερουσ⍰ας ⍰ν Καρχηδ⍰νι βουλευσαμ⍰νης περ⍰ το⍰ πολ⍰μου καλ⍰ς) e os senadores decidiram formar três exércitos e enviá-los da cidade, cada um com destino próprio, sendo o primeiro contra as cidades costeiras, o segundo contra as regiões intermediárias e o terceiro

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

contra as cidades no interior. A partir disso, a guerra tomou outros rumos, privando os gregos da vantagem até então assegurada, a qual foi devida principalmente à inexperiência dos cartagineses frente aos homens "educados na escola do perigo". Seria possível presumir que algum general mercenário em particular, concretizado como personagem histórica, da mesma forma que Xantipo alguns anos mais tarde, teria aconselhado o Senado cartaginês sem ter com isso assumido qualquer posição de comando, o que seria plausível se tivéssemos evidências mais concretas (tais como nomes). Essa situação hipotética asseguraria inclusive a tradução acima mencionada. Mas o verbo βουλευσαμ□νης, tal qual aparece na citação, não é a forma passiva de βουλεύω (normalmente "receber ou tomar conselho sobre algo")[iii]. Noutras palavras, nesse caso específico o mais correto seria traduzir βουλευσαμ□νης περ□ το□ πολ□μου como "deliberou [o próprio Senado] sobre a guerra", o que pode gerar a ilusão, se considerada somente a sintaxe do texto, de que o Senado teria deliberado a partir de uma discussão entre os senadores apenas, homens idosos sem qualquer experiência militar, ignorando, portanto, aconselhamentos de a uma pessoa ou grupo além dos próprios senadores. As informações contidas em Diodoro, todavia, apontam claramente para orientações de alguém militarmente experiente, capaz de dar uma reviravolta estratégica na guerra ao dividir o exército cartaginês em três unidades.

De acordo com Diodoro (20.59), os cartagineses pensaram, em primeiro lugar, que o envio de 30.000 soldados aliviaria a cidade da obrigação de tantas provisões, as quais eram já escassas a essa altura do conflito, e eliminaria o risco do cerco, uma vez que o inimigo estaria ocupado com os exércitos avançados. Em segundo lugar, eles concluíram que a lealdade de seus aliados seria assegurada se os mesmos pudessem contar com o apoio de tropas cartaginesas, as quais desencorajariam qualquer traição aos gregos, algo historicamente usual quando cidades aliadas militarmente fracas punham-se diante da presença superior das tropas inimigas e do descaso de seus aliados. Por último, a terceira e a principal razão para a nova organização logística de seu exército: "acima de tudo, eles esperavam que os inimigos se vissem forçados a dividir as suas forças e a recuar para longe de Cartago" (τ□ δ□ μ□γιστον, □λπιζον κα□ το□ς πολεμ□ους □ναγκασθ□σεσθαι μερ□ζειν τ□ς δυν□μεις κα□ μακρ□ν □ποσπ□σθαι τ□ς Καρχηδ□νος)[iv].

Como podemos notar, essas são razões de ordem militar (especialmente a última e mais importante delas), as quais não poderiam ter sido concebidas por senadores sem experiência militar adequada, ou mesmo por generais igualmente inexperientes (uma constante em Cartago, ao menos até a ascensão Bárcida), o que explica o envio único e prematuro de todo o exército pelos generais cartagineses

antes da referida reforma. Portanto, ainda que nenhuma personagem histórica possa ser precisada ou nomeada, diferentemente do que ocorrerá mais tarde com Xantipo, parece seguro dizer que oficiais mercenários (os quais eram encontrados em abundância entre os cartagineses, mas sempre desempenhando funções de oficiais de autoridade menor), cuja experiência militar é fator inegável, teriam aconselhado o Senado nessa ocasião. O recrutamento posterior de Xantipo ilustra que esse aconselhamento era algo considerado pelos oligarcas em casos de perigo extremo, não sendo absurda a ascensão momentânea de generais mercenários (gregos, por dedução) ao comando do exército, mesmo que eles estivessem restritos ao nível do aconselhamento dos cartagineses por meio de intérpretes[v].

O Senado enviou, então, cerca de 30.000 homens em unidades aproximadas de 10.000 soldados, deixando em Cartago apenas os homens suficientes para a defesa da cidade. Com isso, os defensores poderiam desfrutar das provisões necessárias, e os grupamentos enviados assegurariam o apoio dos aliados ou povos nômades neutros no conflito. Ao ver que as regiões que antes não contavam com a presença militar cartaginesa agora tinham tropas enviadas por Cartago, Arcagato se viu forçado a dividir também as suas forças, pois só assim poderia enfrentar a investida inimiga: um primeiro destacamento foi enviado para a região costeira, seguido pelo envio de tropas sob o comando de Escrião, responsável pelo combate dos cartagineses localizados nas regiões intermediárias, e da terceira parte (sob o comando do próprio Arcagato) do exército para as cidades do interior.

Os resultados não foram nada favoráveis aos gregos. Escrião pereceu em batalha após uma emboscada preparada por Hanão, general cartaginês sobre o qual nada sabemos além do plano para a morte do comandante grego. Segundo Diodoro (20.60), os cartagineses avançaram sobre eles de forma inesperada, contrariando todas as expectativas, e abateram mais de 4.000 soldados de infantaria, 200 cavaleiros e o próprio general ([...] κα παραδξως πιθμενος νελε πεζος μν πλεους τν τετρακισχιλων, ππες δ περ διακοσους, ν ος ν κα ατς στρατηγς). Diante disso, sem ter como revidar, as tropas sobreviventes retiraram-se para o acamamento de Arcagato, distante cerca de 90 quilômetros (500 estádios gregos, πχοντα σταδους πεντακοσους). Imilco, general cartaginês responsável pelas tropas dirigidas ao interior, aguardava em posição defensiva favorável numa cidade aparentemente bem fortificada. Os soldados de Eumaco retornavam de sua campanha a marcha lenta por causa dos espólios obtidos das cidades capturadas, quando se depararam com os cartagineses de Imilco. Desafiados para uma batalha decisiva, os cartagineses aceitaram o combate, mas não da forma como os gregos esperavam. Parte das tropas foi

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

deixada escondida na cidade e a outra parte se apresentou em campo aberto, simulando uma retirada após iniciada a batalha, o que teria provocado o avanço precipitado e desordenado dos homens de Eumaco, provavelmente confiantes demais com o resultado da campanha no interior. Os gregos findaram por pressionar em confusão aqueles que estavam em recuo ([...] κα τεθορυβημνως τν ποχωρονντων ξπτοντο), momento em que as ordens de Imilco foram executadas pelas tropas que haviam sido deixadas na cidade como força de reserva: "Imilco deixou parte de seu exército em armas na cidade, ordenando que, no momento em que ele se retirasse em fuga simulada, o exército castigasse os seus perseguidores" ([...] μλκων μρος μν τς στρατς κατλιπε διεσκευασμνον ν τ πλει, διακελευσμενος, ταν ατς ναχωρ προσποιομενος φεγειν, πεξελθεν τος πιδικουσιν).

Envolvidos dessa maneira, os gregos entraram em pânico e bateram em retirada, sendo impedidos de retornar ao seu acampamento pelos cartagineses, o que gerou a impossibilidade da aquisição de água e facilitou, por conseqüência, a finalização por parte dos cartagineses. Diodoro menciona que, de um total de 8.000 soldados infantaria e 800 cavaleiros, apenas 70 sobreviveram a essa batalha. Arcagato, então, reuniu os soldados sobreviventes desses infortúnios e enviou um relatório a Agátocles, solicitando a sua ajuda o mais rápido possível. Os cartagineses, sendo vitoriosos, conseguiram o apoio de muitos desertores do exército grego, que, cercado por terra e mar, aguardava desesperadamente reforço vindo da Sicília.

A chegada de Agátocles não modificou sensivelmente a situação desfavorável aos gregos. Justino (*Epit.* 22.8) menciona uma solução momentânea para o motim dos mercenários, os quais não deveriam pedir o pagamento de seu comandante, "mas tomá-lo do inimigo" (*sed ab hoste quaerenda*). Ainda de acordo com a forma que Justino via o discurso de Agátocles aos seus homens, eles deveriam "obter uma vitória e um espólio comuns" (*communem victoriam, communem praedam futuram*). Mas o pagamento não veio, pois os inimigos não puderam ser derrotados. Sabendo de sua condição favorável, particularmente quanto ao terreno, linhas de abastecimento e moral das tropas, os cartagineses aguardaram em seu acampamento, tendo assim forçado Agátocles, diante da inquietação de seus mercenários[vi], a arriscar uma batalha sem as vantagens básicas exigidas para tanto. Pressionado por todos os lados, seus homens não puderam resistir e a batalha logo estava completamente perdida.

Ainda que não tenhamos informações detalhadas sobre essa última derrota grega na África, parece certo deduzir que as táticas cartaginesas não eram a essa

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

altura “helenísticas”, apesar do contato direto com Agátocles e seus mercenários. Se tivéssemos maiores detalhes sobre as táticas em campo aberto, as mesmas provavelmente confirmariam o “diagnóstico” de Xantipo cerca de 50 anos mais tarde, durante a Primeira Guerra Púnica: que os cartagineses foram derrotados, naquele tempo pelos romanos, devido à inexperiência de seus generais. De modo geral, as táticas helenísticas representavam o que havia de mais atualizado e eficiente na arte da guerra mediterrânica, pois consideravam os diversos aspectos do confronto armado. Os generais cartagineses não estavam capacitados para tais modificações, executando no fim do século IV a.C. manobras típicas do período clássico, nem tinham proximidade com a figura de Alexandre ou conhecimento suficiente de sua expedição asiática para a realização da referida tarefa antes de Xantipo[vii]. Mas algo mudou durante a expedição africana de Agátocles: o envio das tropas a território africano obedeceu, diante da ameaça estrangeira em seu território, a critérios logísticos mais apurados, o que parece ter sido produto de aconselhamento por parte dos mercenários.

Cerca de 160 anos mais tarde, Políbio (1.29) nos informa, no livro de suas *Histórias* dedicado à Primeira Guerra Púnica, que os cartagineses que haviam escapado do confronto em Ecnomos navegaram diretamente para Cartago e, “convencidos de que os inimigos, excitados por seu sucesso, fariam o ataque direto à própria cidade de Cartago” (πεπεισμ□νοι το□ς □πεναντ□ους □κ το□ γεγον□τος προτερ□ματος □παρθ□ντας ε□θ□ως ποι□σεσθαι τ□ν □π□πλουν □π' α□τ□ν τ□ν Καρχηδ□να), mantiveram-se atentos a todos os possíveis pontos de desembarque na área. Os romanos, contudo, desembarcaram a uma distância segura (Cabo Bon, no nordeste da atual Tunísia), certamente por terem conhecimento da dificuldade que seria tomar Cartago sem uma linha de abastecimento assegurada entre a Sicília e a África, e iniciaram uma série de cercos a cidades menores, sendo Aspis a primeira delas[viii].

O que os romanos pretendiam com isso? Em princípio, poder-se-ia dizer que a decisão era unicamente de segurança para o desembarque, mas alguns indícios em Políbio apontam para uma ocupação definitiva (ainda que por ser modelada), a qual deve ter sido planejada logo após a vitória em Ecnomos. Em primeiro lugar, antes de navegar em direção à Líbia, eles organizaram as suas provisões e repararam as embarcações capturadas (προσεπισιτισ□μενοι κα□ τ□ς α□χμαλ□τους να□ς καταρτ□σαντες); em seguida, assim que a Aspis foi tomada, guarnições (τ□ς δυν□μεις) foram ali deixadas para assegurar a cidade (τ□ς π□λεως) e o território (τ□ς χ□ρας); por último, mensageiros foram enviados a Roma para informar o ocorrido e obter instruções sobre o que deveria ser feito no futuro (περ□ τ□ν μελλ□ντων τ□

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

δε ποιε ν) e como eles deveriam lidar com toda a situação (π ς χρ σθαι το ς πρ γμασιν). Se Políbio estiver correto na ordenação desses eventos (e não vejo motivos para não estar), os romanos tinham em mente, mesmo antes de relatar os eventos ao Senado, assegurar uma posição forte em território inimigo, restando apenas a autorização de Roma para dar prosseguimento à expedição africana. A forma que essa expedição assumiria, contudo, estava nas mãos do Senado[ix]. A resposta não poderia ser diferente: um dos cônsules deveria permanecer na África com força adequada (δυν μεις τ ς ρκο σας), enquanto o outro deveria retornar para Roma com a frota[x].

Se a essa altura os romanos tinham em mente a reprodução do que havia feito Agátocles cerca de 50 anos antes não sabemos por evidências diretas (como seria uma afirmação de Políbio ou referência a Agátocles em alguma reunião senatorial antes da deliberação sobre o que deveria ser feito pelas tropas na África), mas isso pode ser proposto com certo grau de plausibilidade por evidências indiretas. Como mostrei antes, os elementos necessários para a realização de uma expedição haviam sido pensados após Ecnomos e, uma vez na África com posição militarmente assegurada, a pilhagem que se seguiu (em Aspis ou "escudo" e nos arredores) tem aparência exata ao que foi previamente feito pelo siracusano.

Além disso, é bem verdade que Políbio nos diz que Cipião, o Africano, aproximadamente 50 anos após a primeira invasão romana da África, teria respondido, quando questionado acerca dos maiores estadistas em coragem e sabedoria: "Agátocles e Dionísio"[xi]. É bem provável, portanto, que a expedição de Agátocles fosse já conhecida pelos romanos no tempo da Primeira Guerra Púnica.

Outra evidência pode ser encontrada do lado cartaginês. Os comandantes cartagineses não queriam esperar o avanço impune dos romanos, talvez por que tivessem em mente a reprodução do que haviam enfrentado meio século antes com os gregos. Essa reação por parte de Cartago elucida, ainda, algo fundamental quanto à preservação das primeiras inovações em seu pensamento militar helenístico. Cartago não estava disposta a esperar que seu território fosse "corrompido" pelo inimigo, o que ocasionaria problemas de ordem logística (principalmente com a manutenção de seus aliados), de maneira que os generais decidiram partir de imediato para o embate com os invasores. Na primeira fase das inovações militares em Cartago, um dos aspectos estratégicos que motivaram as inovações de ordem logística entre os cartagineses foi a preservação da lealdade das cidades africanas, uma vez que elas estavam debandando uma a uma para o lado grego. Aquela lição, agora aplicada ao caso romano, havia sido definitivamente aprendida pelos generais cartagineses. Asdrúbal e Bostar foram eleitos generais;

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

Amílcar foi trazido às pressas da Sicília como terceiro general, juntamente com 500 cavaleiros e 5.000 soldados de infantaria[xii].

Como dito anteriormente, os três generais cartagineses optaram pelo combate direto com o inimigo, após terem assim deliberado (βουλεετο), e encontraram Régulo e seus soldados próximos à cidade de Adis, na ocasião sitiada pelos romanos. Os cartagineses ocuparam um monte nos arredores e ali montaram acampamento, num local que Políbio considerou ser inapropriado ao seu exército (φυ δ τας αυτν δυνμεσιν)[xiii]. Os experientes generais romanos (ο τν ωμαων γεμνες μπερως) teriam visto que o momento era adequado para o ataque inesperado, uma vez que o posicionamento do exército cartaginês, num terreno que tornava os elefantes e a cavalaria inúteis (χρεωται), lhes era propício. Ao atacar por ambos os lados do monte, os romanos tiveram a primeira legião (τ πρτον στρατπεδον) derrotada pela coragem (γεννα̃ως) e vigor (προθμως) dos mercenários (μισθοφροι), mas tendo avançado em busca dos legionários em fuga, expuseram sua retaguarda aos outros que atacavam no lado oposto. Os mercenários recuaram sãos e salvos, por fim, graças ao "escudo" oferecido pelos elefantes e cavaleiros que atingiram o nível plano[xiv].

Após a vitória de Régulo, Túnis caiu sob o domínio romano, tendo a cidade sido transformada na nova base de operações na África. Políbio menciona, ainda, uma revolta por parte dos numídios (certamente encorajados com a presença romana) e a fome dos refugiados em Cartago[xv], o que levou Régulo a tentar a submissão completa dos cartagineses. Políbio diz que os embaixadores estavam tão inclinados a aceitar o que Régulo lhes propunha, que eles sequer conseguiam prestar atenção à severidade de suas exigências (τ βρος τν πιταγμτων). Fragmentos de Diodoro, contudo, mencionam que o Senado cartaginês enviou os homens mais nobres (νδρας τν πιφανεσττων) como embaixadores (πρεσβευτς) a Atílio (leia-se Régulo), para discutir os termos de paz (περ ερνης), mas a paz proposta por ele não seria melhor que a escravidão, tamanha a dureza de seus termos[xvi]. Na mesma linha de Diodoro, outras fontes apresentam a iniciativa por parte de Cartago, recusando, portanto, que Régulo os tivesse intimado para propor os termos de paz (Eutr. 2.21; Oros. 4.9; Zonar. 8.13)[xvii]. No fim das contas, a despeito da natureza oposta dos relatos sobre quem teria tomado a iniciativa para a conclusão da paz (se Cartago ou Roma) e da situação drástica em que Cartago se encontrava uma vez mais, o Senado cartaginês manteve a opção pela defesa armada, como no caso dos gregos, a qual seria assegurada, em princípio, pelas muralhas de Cartago e, em seguida, pelo recrutamento do número de soldados mercenários que os seus recursos permitissem pagar[xviii].

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

Vegécio, autor de um manual militar no século IV d.C., menciona não somente que Xantipo teria liderado os cartagineses na guerra contra os romanos até o fim (o que é claramente um equívoco, como nos mostram todas as outras fontes), mas também que Aníbal Barca, durante a Segunda Guerra Púnica, havia recrutado um general mercenário espartano para a sua campanha contra os romanos:

> (...) Na verdade, o quanto a ciência militar foi útil aos Lacedemónios nos seus combates, e para omitir outros, é confirmado pelo exemplo de Xantipo, que, com exércitos já anteriormente derrotados, capturou e venceu Atílio Régulo e o exército romano muitas vezes vencedor: ao levar auxílio aos Cartagineses, não só pela coragem mas também pela perícia, triunfou num único encontro e terminou toda a guerra. E também Aníbal, com a intenção de se dirigir para Itália, procurou um mestre de armas lacedemónio, com os conselhos do qual destruiu tantos cônsules e legiões, sendo inferior em número e em forças (Veg. Mil. Pref.3)[xix].

A segunda informação na passagem acima destacada (de que haveria um conselheiro militar espartano a serviço de Aníbal Barca) pode ser, com muito otimismo, relacionada a uma evidência sobre um professor de grego (Sósilo) de Aníbal em Cornélio Nepos (Hamilcar 13.3), como se segue: [...] *atque hoc Sosylo Hannibal litterarum Graecarum usus est doctore.*. Nenhuma outra fonte faz referência a mercenários espartanos em Cartago nessas condições de serviço (excetuando Xantipo), mas elas servem para ilustrar, ao lado das evidências sobre o recrutamento de homens de Esparta (ou simplesmente de "educação espartana") como soldados ou oficiais de patente menor (submetidos aos generais cartagineses), que essa era uma prática longe de absurda em cenário cartaginês, mesmo que o caso mencionado por Vegécio e Cornélio Nepos tenha sido inventado ou unicamente produto de confusão[xx].

De volta à Primeira Guerra Púnica, no momento seguinte à derrota para Régulo e ao fracasso das negociações de paz (tenham elas sido lideradas por iniciativa dos cartagineses ou pelo general romano), um dos oficiais de recrutamento (ξενολ□γος) que Cartago tinha previamente enviado à Grécia retornava com um número considerável de soldados, entre eles Xantipo de Esparta, "um homem que havia participado do sistema de treinamento espartano" (□νδρα τ□ς Λακωνικ□ς □γωγ□ς μετεσχηκ□τα)[xxi]. Lazenby recorda que, embora Diodoro se refira a Xantipo como "esparciata" (□ Σπαρτι□της), a indicação de Políbio (quase sempre mais preciso que Diodoro) sugere algo mais próximo dos μ□θακες, homens

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

de famílias pobres que eram patrocinados por alguém mais rico e criado com seus filhos[xxii].

Diante do que havia recentemente ocorrido aos cartagineses, Xantipo conclui, "após ter uma visão ampla dos recursos restantes dos cartagineses e de sua força em cavalaria e elefantes" (συνθεωρ□σας τ□ς τε λοιπ□ς παρασκευ□ς τ□ν Καρχηδον□ων κα□ τ□ πλ□θος τ□ν □πππ□ων κα□ τ□ν □λεφ□ντων παραυτ□κα), que a derrota para os romanos na África não se devia aos romanos, mas aos próprios cartagineses, "por meio da inexperiência de seus generais" (δι□ τ□ν □πειρ□αν τ□ν □γουμ□νων). A conclusão do general mercenário teria sido, em princípio, difundida entre os seus amigos (το□ς φ□λους), mas logo chegado aos ouvidos dos líderes cartagineses, que decidiram chamá-lo e examinar a sua linha de raciocínio. Após explicar como Cartago poderia derrotar os romanos (ao invés de assegurar simplesmente a sua posição), os generais cartagineses, "persuadidos" (πεισθ□ντες), "confiaram-lhe imediatamente as suas forças" (α□τ□ παραχρ□μα τ□ς δυν□μεις □νεχε□ρισαν). Embora a decisão dos generais tenha gerado alguma reação violenta por parte da população, quando Xantipo liderou o exército para fora da cidade em ordem (□ξαγαγ□ν πρ□ τ□ς π□λεως τ□ν δ□ναμιν □ν κ□σμ□), e ali começou a "manobrar algumas partes dele corretamente" (κινε□ν τ□ν μερ□ν □ν τ□ξει), "dando comandos de acordo com os costumes" (παραγγ□λλειν κατ□ ν□μους)[xxiii], o que havia sido feito pelos generais anteriores (cartagineses) contrastou de tal maneira que os soldados tiveram seus ânimos revigorados sob o comando do general estrangeiro.

Nessa situação a empolgação de Políbio ao falar da competência de um general grego é evidente[xxiv], mas há algo mais relevante a ser observado. Se Xantipo realizou as manobras que Políbio indica, uma possibilidade é que tenha existido um período de treinamento (possivelmente de alguns meses) sob o espartano. A outra possibilidade é que o exército já tivesse conhecimento dos termos militares usuais na arte da guerra grega, possivelmente devido ao seu passado de lutas na Sicília, mas que os generais fossem incapazes de executá-los da forma correta, de onde sobressairia o que Políbio acreditou ser a sua (dos cartagineses) incompetência ou imperícia (□πειρία) nos assuntos militares. Se o exército cartaginês que lutou na África contra Régulo fosse composto somente por mercenários gregos, a segunda explicação seria a mais plausível das duas, já que não temos referências diretas nas fontes ao treinamento das tropas por Xantipo. Mas esse não parece ter sido o caso do exército em questão. Políbio não menciona origens étnicas das tropas que lutaram em Adys, no primeiro encontro com Régulo (e que eram, ao menos parcialmente, as mesmas sob Xantipo); tampouco o faz para a batalha de Túnis. Em todo caso, a "falange dos cartagineses" (τ□ν φ□λαγγα τ□ν

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

Καρχηδονίων), mencionada por Políbio em Túnis em contraste com os seus mercenários (τῶν μισθοφόρων), deve ter sido cartaginesa ou de aliados líbios, submetidos ao que os gregos chamavam de *symmachia*. Além disso, um exército cartaginês na África devia contar, como na maioria dos casos, com grande número de soldados líbios, os quais desconheciam como regra geral, para começar, a língua grega. Para dar os comandos, ainda que isso não seja mencionado no provável treinamento das tropas, Xantipo teria lançado mão, como já havia feito em ocasiões anteriores, de um ou mais intérpretes (ἑρμηνεύς) (Diod. Sic. 23.16).

Passado certo tempo, então, os cartagineses começaram a marchar em territórios nivelados (τῶν ἐμαλῶν τόπων) e a montar acampamento em locais planos (ἐν τοῖς ἐπιπέδοις τῶν χωρίων), até conseguirem avistar o inimigo (Polyb. 1.33). Acampados próximos aos romanos (a uma distância aproximada de 1.800 metros ou 10 estádios gregos), os cartagineses aguardaram a deliberação do Senado. Aqui emerge uma questão central para a compreensão do papel que Xantipo teria desempenhado na batalha, encerrado o treinamento das tropas. Segundo Políbio, o clamor das tropas por Xantipo, aliado aos pedidos do próprio general espartano, fizeram com que os cartagineses revestissem Xantipo de autoridade (τὴν ἐξουσίαν) para a condução da batalha. Daí se conclui que antes da batalha de Túnis Xantipo não estava no comando do exército, sendo responsável apenas pelo treinamento das tropas (como sugeri antes). Na batalha, contudo, se Xantipo não liderou o exército como único general (como sugere toda a história prévia da arte da guerra cartaginesa), ele o fez como "general de suporte" dos comandantes cartagineses (que Políbio não menciona), conduzindo um total de 12.000 soldados de infantaria, 4.000 cavaleiros e praticamente 100 elefantes[xxv].

Após treinar a infantaria cartaginesa, Xantipo teve a oportunidade de liderar o exército cartaginês em campo de batalha. Em Túnis, as táticas que puseram fim às legiões de Régulo apresentavam uma semelhança incontornável com aquelas empregadas pelos generais helenísticos após Alexandre. Esse é um indício que não pode ser ignorado; ao lado do treinamento da infantaria cartaginesa, Xantipo parece ter transformado o exército cartaginês numa autêntica arma helenística, o que será, de acordo com Brizzi, incorporado por Amílcar Barca[xxvi].

Em Túnis, Xantipo dispôs a falange de cartagineses ao centro, com um corpo de mercenários à sua direita (o lado mais desprotegido do corpo de infantaria, devido à ausência do escudo ao lado direito do último homem). Tendo dividido a cavalaria nas alas (ligeiramente mais adiantada que a infantaria ao centro), o restante dos mercenários (provavelmente dardeiros ou fundeiros) foi lotado ali, para desempenhar claro papel de força de apoio às tropas montadas. Os elefantes,

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

por sua vez, encontravam-se dispostos à frente da linha principal, ao centro, em "distância segura" da infantaria. Do lado romano, apesar da expressão vaga usada por Políbio (1.33) para definir o modo no qual as legiões foram organizadas por Régulo[xxvii], o posicionamento dos *velites* à frente da infantaria (apostando no efeito que os dardos teriam nos paquidermes) e a profundidade das unidades manipulares (algo incomum, a menos que fosse necessário dar maior coesão e, portanto, confiança aos homens nas linhas de frente) indicam que o general romano estava preocupado com o impacto - principalmente psicológico - que os elefantes teriam em seus soldados[xxviii].

Em primeiro lugar, Xantipo ordenou que os elefantes avançassem contra os romanos ao centro e que a cavalaria em ambas as alas fizesse um movimento em torno da infantaria para atacá-la pelos flancos e retaguarda (após vencer a cavalaria inimiga, é claro). Os romanos, em contrapartida, seguindo seus costumes, começaram a bater as armas contra seus escudos, emitindo seu grito de guerra enquanto avançavam. A cavalaria romana, muito inferior em número, logo bateu em retirada, sem oferecer muita resistência à ofensiva inimiga. A ala esquerda dos romanos, normalmente composta por aliados, avançou com sucesso contra os mercenários dispostos à direita do exército cartaginês e, pondo-os em fuga, perseguiram os vencidos até o acampamento. A porção central da legião, a qual estava de frente para os elefantes, inicialmente resistiu, mas logo cedeu ao avanço dos paquidermes, e toda a formação foi rompida no momento em que os cavaleiros cercaram os romanos pelos lados e pela retaguarda. Os que foram capazes de passar pelos elefantes, sem serem pisoteados por eles, acabaram por se deparar com a "falange cartaginesa" (até então intacta) disposta atrás dos animais em boa ordem (συντεταγμ□νην [...] τ□ν τ□ν Καρχηδον□ων φ□λαγγα)[xxix]. Quanto às baixas, Políbio (1.34) registrou somente 800 homens entre os mercenários cartagineses (particularmente aqueles que haviam enfrentado a ala esquerda romana), sem mencionar o restante do exército. Do lado romano, excetuando os 2.000 soldados que perseguiram os mercenários cartagineses em fuga e alguns homens que escaparam com Régulo, todos pereceram em batalha.

Sob Xantipo, os paquidermes passaram a ser empregados como entre os generais helenísticos. Políbio relata que Xantipo, antes de analisar os recursos logísticos de Cartago e, portanto, de ser nomeado general dos cartagineses por tempo limitado, tomou conhecimento do que havia recentemente ocorrido e da maneira como havia ocorrido[xxx]. Certamente, o historiador estava se referindo à derrota para Régulo e ao fracasso em Acragas, na Sicília, evento que teria, segundo Políbio, transformado a estratégia romana na guerra. De Acragas para Túnis,

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

passando pelo fracasso no uso dos cavaleiros e elefantes em Adis, quando os três generais cartagineses decidiram enfrentar os romanos antes que esses prosseguissem com a pilhagem de seu território, notamos uma mudança notável no emprego das tropas de Cartago, tanto em seu treinamento (no caso da infantaria) quanto em sua aplicação (no caso dos cavaleiros e elefantes) em campo de batalha.

Durante a fase inicial da Primeira Guerra Púnica, precisamente no ano de 255 a.C., o exército cartaginês sofreu modificações sensíveis no campo tático e em seu treinamento, de maneira a transformar as forças de Cartago em verdadeiras armas helenísticas. Taticamente, o exército cartaginês se modificou em 255 a.C., mas a composição de uma tradição no uso de comandantes mercenários parece ter sido anterior, remontando a outras inovações militares importantes durante a expedição africana de Agátocles.

De fato, o siracusano pensou a invasão africana como inversão da estratégia vigente no conflito contra os cartagineses, levando a guerra para o território inimigo quando o mesmo encontrava-se em grande vantagem na Sicília, nesse caso ao assediar os portos de Siracusa. Confiante no apoio que obteria dos líbios e na falta de espírito combativo dos cartagineses (se comparada à experiência de seus mercenários), Agátocles provocou uma situação calamitosa nos arredores de Cartago e na própria cidade, que após sérias derrotas para o siracusano e perda considerável dos territórios aliados ou previamente submetidos, decidiu tomar atitudes drásticas. Quando um plano completamente inovador (para os padrões cartagineses) havia sido estabelecido, o Senado se decidiu pelo direcionamento da guerra de uma maneira pouco condizente com o estatuto e a experiência militar (quando havia) dos homens que compunham o conselho. A divisão logisticamente correta do exército em três forças de 10.000 homens, organizadas com funções específicas de correção dos erros que até então os comandantes cartagineses haviam cometido, sugere um aconselhamento externo, possivelmente de um (grupo?) de mercenários não mencionados pelas fontes.

Em seguida, passados 10 anos da expedição de Pirro do Epiro na Itália, um confronto entre os dois grandes poderes em expansão do mundo mediterrânico ocidental ocorrerá, tendo como motor a presença mamertina na Sicília. A Primeira Guerra Púnica, como ficou conhecida pela historiografia, acabou por ser um conflito longo e basicamente travado no mar, mas com um período crucial na África, durante o qual os romanos decidiram, em possível imitação ao que havia feito Agátocles cerca de 50 anos antes, transportar a guerra para o território inimigo. Ao analisar as evidências disponíveis (particularmente Polib. 1.29), conclui-se que os romanos não estavam planejando unicamente um desembarque

seguro após importante vitória naval, mas que eles esperavam permanecer na África ao menos até obterem a submissão de Cartago. Os cartagineses, por outro lado, embora tenham sido infelizes em seus primeiros esforços (a reprodução de uma das medidas tomadas contra Agátocles, isto é, ir de encontro ao inimigo para impedir a desistência dos aliados por pressão militar adversária direta), aceitaram os conselhos propostos por um dos mercenários que os seus recrutadores haviam trazido do Peloponeso. Os conselhos de Xantipo podem ter sido algo inesperado, sem dúvida, mas o interesse por parte dos cartagineses em ouvir o que esse general submetido ao treinamento espartano e com grande experiência militar tinha a dizer era algo com precedentes indiretos prováveis.

A reforma liderada por Xantipo, por fim, teve repercussões interessantes. Em primeiro lugar, uma reforma quanto ao treinamento das tropas parece ter ocorrido. Se as tropas cartaginesas à época da expedição africana de Régulo fossem compostas unicamente por gregos, poder-se-ia argumentar a favor de uma incompetência dos generais cartagineses ao manobrar as seções do exército. O que se observa, contudo, além dessa ἐμπειρία, é a sua incontornável composição africana (cartaginesa ou líbia), indício para a ocorrência do treinamento da infantaria sob Xantipo antes da reforma tática em Túnis.

Com a infantaria treinada, Cartago decidiu pelo confronto decisivo com os romanos, tendo revestido Xantipo de autoridade (τὴν ἐξουσίαν) temporária, talvez como "general de suporte" aos comandantes cartagineses. Na batalha de Túnis, as manobras de cavalaria e o uso dos elefantes propiciaram a observação do momento decisivo na transformação do exército cartaginês numa verdadeira arma helenística, algo sem equivalência nas batalhas anteriores, mesmo naquelas que sucederam a presença de Pirro na Magna Grécia e na Sicília. O exército cartaginês havia sido modificado, por fim, a partir de inovações militares em momentos de invasão do território africano por inimigos estrangeiros, tanto em nível estratégico quanto em nível tático (treinamento e aplicação em campo de batalha).

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

BIBLIOGRAFIA

A) FONTES

CÁSSIO DIO. *História Romana*. Tradução de Earnest Cary. Cambridge, MA/London: Harvard University Press, 1914-27. DIODORO. *Biblioteca Histórica*. Tradução de Russel Geer e Francis Walton. Cambridge, MA/London: Harvard University Press, 2006.

EUTRÓPIO. *O breviarum ab urbe condita de Eutrópio*. Tradução de H.W. Bird. Liverpool: Liverpool University Press, 1993.

JUSTINO. *Justino, Cornélio Nepote, e Eutrópio*. Tradução de John S. Watson. London: H.G. Bohn, 1853.

ORÓSIO. Os sete livros da história contra os pagãos. Tradução de Roy J. Deferrari. Washington, Catholic University of America Press, 1964.

POLÍBIO. H*istórias*. Tradução de W. R. Paton. Cambridge, MA, London: Harvard University Press, 2005.

VEGÉCIO. *Compêndio de arte militar*. Tradução e notas de João Gouveia Monteiro e José Eduardo Braga. Coimbra, Imprensa da Universidade, 2009

B) REFERÊNCIAS MODERNAS

BAGNALL, *The Punic Wars*. New York, St. Martin, 2005.

BRIZZI, G., *Le guerrier de l'Antiquité Classique*. Monaco, Editions du Rocher, 2004.

CAVEN, B., *The Punic Wars*. London, Weidenfeld and Nicolson, 1980.
CONSOLO LANGHER, S., *Agathocle. Da capoparte a monarca fondatore di un regno tra Cartgagine e i Diadochi*, Messina, Pelorias, 2000.

GOLDSWORTHY, A., *The Punic Wars*. London, Cassell, 2002.

LAZENBY, J., *The First Punic War*. London, UCL Press, 1996.

LE BOHEC Y., *Histoire militaire des guerres puniques*. Monaco, Editions Du Rocher, 1996.
_____ (org.). *La Première Guerre Punique*, Lyon, De Boccard, 29-38, 2001.

MEISTER, K., 'Agathocles' in *The Cambridge Ancient History* 7. Cambridge, University Press, 1987.

MILES, R., *Carthage must be destroyed: the rise and fall of an ancient Mediterranean civilization*. London, Allen Lane, 2010.

STEWART, A., *Faces of Power: Alexander's Image and Hellenistic Politics*. Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1993.

WALBANK, F. *Polybius*. Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1972.

WHEELER, E. L., "The hoplomachoi and Vegetius' Spartan drillmasters", *Chiron* 13, 1-20, 1983.

[i] MEISTER, K., 'Agathocles' in *The Cambridge Ancient History* 7. Cambridge, University Press, 1987, p. 398.

[ii] CONSOLO LANGHER, S., *Agathocle. Da capoparte a monarca fondatore di un regno tra Cartgagine e i Diadochi*, Messina, Pelorias, 2000, p. 219-226.

[iii] A forma passiva seria βουλευθείσης. Sobre esse esclarecimento, sou grato a Nicolas Bertrand, membro da Faculdade de Línguas e culturas antigas da Universidade Lille 3, e a Angelos Chaniotis, professor da *School of Historical Studies* do *Institute for Advanced Study*, situado em Princeton, NJ.

[iv] Ver CONSOLO LANGHER, p. 226-227.

[v] Intérpretes são mencionados por Diodoro (23.16) no caso de Xantipo.

[vi] Diodoro (20.64) menciona desistência por parte dos mercenários no curto tempo que Agátocles decidiu esperar por condições estratégicas mais favoráveis.

[vii] Sobre o impacto da expedição asiática de Alexandre no ocidente, ver STEWART, A., *Faces of Power: Alexander's Image and Hellenistic Politics*. Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1993.

[viii] Sobre o desembarque, bem como para os eventos posteriores, ver LE BOHEC Y., *Histoire militaire des guerres puniques*. Monaco, Editions Du Rocher, 1996, p. 87-89; LAZENBY, J., *The First Punic War*. London, UCL Press, 1996, p. 97-103; GOLDSWORTHY, A., *The Punic Wars*. London, Cassell, 2002, p. 84-87; BAGNALL, *The Punic Wars*. New York, St. Martin, 2005, p. 70-75; MILES, R., *Carthage must be destroyed: the rise and fall of an ancient Mediterranean civilization*. London, Allen Lane, 2010, p. 185-187.

[ix] Além disso, uma vez estabelecidos da maneira descrita em território inimigo, uma possível decisão de abandono seria improvável, senão absurda.

[x] Mais à frente Políbio nos dá números: 15.000 soldados de infantaria e 500 cavaleiros.

[xi] PolIb. 15.35.

[xii] PolIb. 1.30. Sobre Amílcar Barca, particularmente a construção de uma escola tática em Cartago até Aníbal Barca, ver BRIZZI, G., *Le guerrier de l'Antiquité Classique*. Monaco, Editions du Rocher, 2004, além dos autores citados acima para a expedição de Régulo.

[xiii] Polib. 1.30.

[xiv] Para a reconstrução da batalha, ver principalmente LAZENBY, p. 100-101; GOLDSWORTHY, p.86; BAGNALL, p.72-73.

[xv] Polib. 1.31.

[xvi] Diod. Sic. 23.12.

[xvii] Ver LAZENBY, p.101.

[xviii] Essa seria, de acordo com Diod. Sic. (29.6), a grande vantagem em se recrutar mercenários: "uma abundância de forças militares estrangeiras (τ ξενικ ς δυν μεως) é muito vantajosa para o lado que a emprega e terrível para o inimigo, considerando que os empregadores trazem consigo, sem grandes custos, homens para lutar em seu nome, ao passo que forças citadinas (τ ν πολιτικ ν

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

δυν□μεων), mesmo quando vitoriosas, são prontamente enfrentadas por um corpo de oponentes intactos. No caso dos exércitos políadas, uma simples derrota significa um desastre completo, ao passo que no caso dos mercenários, ainda que sejam por muitas vezes derrotados, os empregadores mantém suas forças intactas durante o tempo que durar seus recursos".

[xix] Tradução inalterada de João Gouveia Monteiro e José Eduardo Braga, *Vegécio, Compêndio de arte militar*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 2009.

[xx] Para o debate sobre a identificação das referências em Vegécio e Cornélio Nepote, ver principalmente WHEELER, E. L., "The hoplomachoi and Vegetius' Spartan drillmasters", *Chiron* 13, 1-20, 1983, p. 16.

[xxi] Polyb. 1.32. De acordo com Diod. Sic. (23.16), Xantipo teria vindo da Grécia com 50 ou 100 soldados, ou mesmo sozinho, dependendo da fonte utilizada.

[xxii] LAZENBY, p. 102-103. Numa versão mais improvável, Orósio (4.9) sugere que Xantipo seria "rei dos espartanos" (*Lacedaemoniorum rex*). Ver também G. Brizzi, 'Amilcar e Santippo: storie di generali' in LE BOHEC, Y. (ed.). *La Première Guerre Punique*, Lyon, De Boccard, 29-38, 2001.

[xxiii] Isto é, em termos militares ortodoxos.

[xxiv] GOLDSWORTHY, p. 88. Segundo o autor, as ações de Xantipo refletiriam em Políbio a profunda admiração helênica pelo sistema militar espartano.

[xxv] Sobre a condição de Xantipo na batalha de Túnis, ver principalmente LAZENBY, p. 103-106; GOLDSWORTHY, p. 89-90. Para uma discussão sobre a data da batalha, ver WALBANK, F. *Polybius*. Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1972, p.91. Sobre a possível redução dos números do exército cartaginês (dados por Polyb. 1.33), o que se justificaria no uso da tradição pró-cartaginesa (especialmente Philinus FGrH 174) por Políbio para narrar a batalha, ver CAVEN, B., *The Punic Wars*. London, Weidenfeld and Nicolson, 1980, p.38.

[xxvi] A sistematização das evidências não é feita da mesma forma pelo último.

[xxvii] "[...] muitos manípulos em profundidade [...]" (πολλ□ς □π'□λλ□λαις [...] σημε□ας).

[xxviii] LAZENBY, p. 104-105 sugere uma organização em seis linhas, ao invés das três linhas tradicionais (*hastati*, *principes*, *triarii*); GOLDSWORTHY, p. 89 sugere as três linhas tradicionais com um número maior de homens.

[xxix] Narração coincidente, embora menos detalhada, pode ser encontrada também em Zonaras (11.13). Diod. Sic. (23.14) apresenta um relato fantasioso acerca da batalha, com Xantipo tendo que empurrar os desistentes contra os romanos, numa demonstração de coragem e vigor.

[xxx] Polib. 1.32, "[...] ao ouvir da reviravolta recente, e da maneira pela qual havia ocorrido [...]" (□ς διακο□σας τ□ γεγον□ς □λ□ττωμα κα□ π□ς κα□ τ□νι τρ□π□ γ□γονεν).

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme